


A Jornada de eterna entre a política e a educação

Ery Jardim *

Doutor em Educação pela Unilasalle, Canoas, RS, Brasil. Mestre em Design Estratégico pela UNISINOS, Porto Alegre, RS, Brasil. Cientista da Educação pela Ca'Foscari, Veneza, Itália. Licenciatura em Pedagogia, Artes e Filosofia pela Claretiano, Batatais, São Paulo, Barsil.

 <https://orcid.org/0000-0001-5035-3144>

Recebido em: 09 de dez. de 2025. **Aprovado** em: 20 de jan. de 2026.

Como citar este conto:

JARDIM, Ery. A Jornada de Eterna entre a Política e a Educação. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, p. e7263, mai. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.20262709.

Entre Política e Educação havia uma pausa longa demais. O país falava sem escutar. Eterna caminhava sobre essa pausa, buscando o som que unisse as duas palavras. De um lado, a Política, treinada em planilhas, cronogramas e gabinetes. Do outro, a Educação, feita de cadernos, perguntas e olhos que brilham. Entre as duas, um vão. As pessoas chamavam esse vão de realidade. Governos passavam como estações e o vão permanecia, como uma fenda abissal entre o pensar e o fazer.

Eterna pesquisava há anos essa distância. Observava relatórios, percorria escolas, conversava com quem fazia e com quem decidia. Aos poucos percebeu que o problema não era falta de políticas, mas a ausência de um fio que as unisse. Na primeira página de seu caderno escreveu: onde termina a escola e começa o país. A resposta parecia óbvia e, por isso mesmo, estava errada.

Numa manhã de névoa, Eterna viu algo atravessar o ar como um traço de luz. Parecia um sinal, mas era uma palavra ainda sem voz. Não era ponte, não era muro. Era um hífen. Um traço simples que não juntava por aproximação, fundia por destino. Eterna compreendeu que aquilo não era pontuação. Era uma arquitetura invisível de propósito e sentido. Deu um passo à frente e a névoa se abriu.

*

 ery.jardim@ufrgs.br

Ela caminhou até a praça antiga, onde três figuras se reuniam ao redor de um fogo que não ardia para queimar, mas para tornar visíveis as coisas. O primeiro guardava um livro com páginas do tamanho do próprio mundo. Chamava-se Aristóteles. Sua voz não pedia silêncio, pedia atenção. Disse a Eterna que a política é o caminho de uma cidade para a vida boa e que a educação não é só instrução, é cultivo da alma em ato. Eterna anotou: propósito. Na margem escreveu a semente da palavra eudaimonia.

A segunda figura trazia nas mãos um par de sandálias gastas. Chamava-se Freire. Sorriu com os olhos e falou de gente que aprende enquanto ensina e ensina enquanto aprende. Disse que não existe neutralidade no ato de educar. Há sempre um lado. Eterna anotou: práxis. Na margem desenhou dois círculos que se encontram e escreveu ação e reflexão.

A terceira figura trazia consigo um mapa de lugares sem fronteiras. Chamava-se Arendt. Sua voz parecia a de alguém que conversa numa praça. Lembrou a Eterna que o mundo comum só existe quando é partilhado e que a política é o espaço onde as vozes se encontram sem medo de se anularem. Eterna anotou: pluralidade. Na margem escreveu a promessa de um mundo que cabe em muitas línguas.

Eterna fechou o caderno e ergueu os olhos. As três figuras acenaram como quem confirma a o destino de uma nação para outras pessoas. Eterna sabia o que fazer. Voltou à fenda entre Política e Educação e, com a ponta do lápis, desenhou a palavra que não existia. Escreveu sem pressa, como quem batiza um rio: política-pública. Quando o hífen tocou o papel, a terra estremeceu com doçura. O traço não era ornamento. Era costura.

A palavra nova não se apresentou como decreto. Preferiu nascer como corpo. Para que um corpo exista, precisa de órgãos, de respiração, de pulsação. Eterna abriu uma nova página e decidiu construir o corpo da palavra. Escolheu as preposições, essas pequenas pontes da língua que unem o que parecia separado, para erguer a espinha de um conceito maior. Cada uma seria um gesto, uma direção e um modo de estar no mundo.

Escreveu a preposição de e viu o núcleo acender. Era a essência, o campo de atuação primário que dá nome ao que se quer reger. Escreveu a preposição em e o contexto tomou forma. Era o espaço, o ambiente de inserção onde a política habita e se enraíza, como cidade que acolhe seus habitantes. Escreveu a preposição para e a direção apontou para fora. Era a finalidade, o horizonte de sentido que orienta o movimento, como bússola que sabe o norte.

Depois escreveu a preposição com, e as mãos se deram. Era a articulação, o entrelaçamento de campos, saberes e setores, como redes que sustentam o comum. Escreveu a preposição por e sentiu o coração ritmar. Era o engajamento, o impulso ético e afetivo que transforma a decisão em causa e o ato em compromisso. Escreveu a preposição sobre e, de repente, o corpo ganhou um espelho. Era a reflexão, a consciência crítica que permite pensar o próprio gesto, como espelho que devolve sentido ao olhar.

Quando terminou, Eterna viu a palavra política-pública de pé. Não como um termo acadêmico que mora em rodapés, mas como uma entidade viva que caminha. A palavra trouxe consigo uma espinha dorsal, não de ossos, mas de relações. Era governança, não como controle, e sim como coordenação que liga cérebro e mãos, intenção e gesto, escola e território.

Eterna lembrou dos arquivos do passado que visitara. Viu programas que se vangloriavam de números e estatísticas, e ainda assim deixavam desertos por dentro. Viu planos que chegavam com fanfarras e partiam sem despedida. Viu escolas que ensinavam a decifrar fórmulas, mas não ofereciam o mundo comum onde fórmulas viram cuidado. Entendeu que não se falhou por falta de dispositivos, mas por falta de propósito. O fracasso não era tecnológico, era ético.

Deu então ao país um espelho e uma escada. O espelho servia para a palavra olhar a si mesma e não se perder daquilo que a faz nascer. A escada era para lembrar que existir junto exige subida. A escada tinha degraus com nomes simples: informação, consulta, pacificação, parceria, delegação, controle cidadão. Eterna decidiu que a palavra política-pública só se reconheceria viva quando respirasse nos degraus de cima, onde o povo não é plateia, é autor.

Para provar se a palavra era mais que uma ideia bonita, Eterna foi ao lugar onde se mede o tempo pelo som do sino da escola e pelo grito da feira. Entrou numa sala com janelas grandes e pediu que todos se sentassem em círculo. Chegaram mestres indígenas com cestos de histórias, mães de santo com cantos, jovens com protótipos, cientistas com dados, agricultoras com sementes, professores com cadernos marcados de vida, crianças com perguntas que não sabem esperar. Ali não havia auditório. Havia pólis.

Eterna colocou a palavra política-pública ao centro como quem coloca água. Disse que, a partir de agora, o Estado não terá educação. O Estado será educação. O silêncio que se seguiu não foi de espanto, foi de reconhecimento. Alguém perguntou como se faz um país aprender a ser espinha dorsal de si mesmo. Eterna apontou para o círculo. Disse que se faz de seis modos, sempre ao mesmo tempo: pelo que se é de, no que se vive em, para quem e para que se age

para, com quem se articula com, por que se luta por, e sobre o que se reflete sobre. O círculo entendeu que verbos e preposições também podem governar.

Começaram pequenos. Uma escola decidiu que o currículo não seria grade, seria rio. Uma secretaria aceitou que sua melhor planilha é a que cabe na praça e não na gaveta. Uma cooperativa mostrou que o território ensina mais do que um edital prevê. Um conselho decidiu que a opinião das crianças vale antes e não depois. Eterna observou que cada gesto acendia um ponto no corpo da palavra. Articulação não era anexo, era coluna. Engajamento não era slogan, era batimento. Reflexão não era nota de rodapé, era janela aberta.

Os velhos decretos sentiram-se inquietos. Acostumados a mandar de cima, perceberam que o hífen não era concessão, era mudança de sujeito. A educação deixou de ser objeto administrado por técnicos e passou a ser sujeito da ação estatal. Alguns tentaram capturar o hífen e usá-lo como enfeite. Descobriram que ele não se empresta a vitrines. O hífen só trabalha quando junta existências, não quando adorna discursos.

Numa noite de chuva mansa, Eterna voltou à praça dos três. Agradeceu sem palavras. Disse a Aristóteles que o país começava a tratar o bem comum como destino e não como retórica. Disse a Freire que as salas estavam aprendendo a escolher um lado e que o lado escolhido era o da vida que se emancipa. Disse a Arendt que as praças voltavam a existir onde antes havia corredores de passagem. Os três sorriram com a serenidade de quem vê uma ideia ganhar rua.

A notícia correu como vento que aprende o desenho da cidade. Outras regiões quiseram o hífen. Não pediram autorização. Pediram vínculo. Uma universidade abriu suas portas nas tardes de sábado para encontros de comunidade. Uma secretaria transformou seu organograma em mapa de redes. Um grupo de jovens criou um laboratório de políticas inventadas a partir de sonhos e evidências. A palavra política-pública não tinha dono, tinha pertencimento.

Foi quando chegaram os céticos, como sempre chegam. Perguntaram se aquilo era eficiente. Eterna devolveu a pergunta: eficiente para quem? A inquietação não se calou. Os céticos admitiram que os números melhoravam onde as pessoas eram chamadas pelo nome e onde as decisões nasciam de conversas longas. Perceberam que eficiência pode ser medida também pela dignidade que um procedimento preserva.

Certa manhã, Eterna visitou uma escola que havia decidido reescrever seus horários. O tempo não era mais uma sequência de campanhas, era um tecido com fios de projeto, investigação, cuidado e partilha. No pátio, um menino mostrou a Eterna um robô que plantava

sementes. Uma anciã ensinava a ler o céu. Uma professora contava a história dos rios do bairro. Havia rigor formativo, havia pesquisa que vira aplicação, havia tecnologia que aprende com a mão da terra. A palavra política-pública estava inteira ali. Não porque havia cartazes, mas porque havia sentido.

Ao final da visita, Eterna escreveu no seu caderno que o país começava a esquecer o vício da fragmentação. As portas entre secretarias rangiam menos. Os editais aprendiam a perguntar pelo impacto no mundo comum. As avaliações deixavam de caçar culpados e começavam a desenhar caminhos. Ninguém confundia conflito com inimizade. Divergir era permitido e era também o modo de fiar uma ideia até que ela servisse a muitos.

No último capítulo do dia, Eterna subiu a escada da participação com um grupo de jovens. Pararam no degrau chamado parceria e respiraram juntos. Depois subiram para delegação de poder e o ar mudou de densidade. No topo, controle cidadão, não havia vista panorâmica nem sala de autoridades. Havia uma mesa grande com cadeiras de muitos tamanhos e cores. Sobre a mesa, papéis com perguntas e promessas. O Estado sentou ao lado do povo e não acima. A educação falou com a política e não para a política. O hífen brilhou como quem não quer recompensa.

Ao cair da noite, Eterna caminhou de volta à fenda que a havia visto nascer. A fenda era agora um jardim. Não havia fronteiras entre o canteiro da escola e a praça da cidade. As sombras não assustavam. Havia crianças lendo em voz alta, havia adultos aprendendo com elas. Eterna deitou na grama e abriu o caderno na última página. Escreveu que educar é fundar mundos e que um país só existe quando escolhe, todos os dias, ser mais do que um território: ser um projeto.

Fechou o caderno e sorriu. Não havia final, havia continuidade. A palavra política-pública não prometia milagres. Prometia trabalho, vínculos e vigilância amorosa. Prometia errar e corrigir sem vergonha. Prometia aprender a dizer nós sem apagar o eu. Prometia ser espinha dorsal sem esquecer o coração.

Quando se levantou, Eterna percebeu que já não caminhava sozinha. Ao seu lado vinham professores e estudantes, cozinheiras e bibliotecárias, artistas e agricultores, analistas de dados, povos originários e griôs. Cada um segurava um pedaço do hífen como quem carrega uma alça de cesto. Eterna entendeu que a jornada não era sua. Era de uma nação que aprende a se escrever com traços que unem. E assim seguiram, de mãos dadas, com o hífen aceso, rumo à



Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 (2026) – e7263

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

pólis que renasce quando a educação deixa de ser objeto e se torna a identidade viva de um Estado que escolhe, enfim, ser escola.